

As crianças negras da Princesa do Sul: um estudo sobre a infância escrava em Pelotas (1850-1870)

JOSÉ RESENDE JR¹
JONAS VARGAS³

¹Universidade Federal de Pelotas – jresendejr@hotmail.com 1

³Universidade Federal de Pelotas– jonasmvargas@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho se enquadra, dentro da historiografia, nos estudos acerca da escravidão no Rio Grande do Sul, mais especificamente as crianças escravizadas na cidade de Pelotas, entre 1850 a 1870. O objetivo da pesquisa é tentar compreender melhor a presença destas crianças escravizadas na cidade de Pelotas e seus lugares sociais, no contexto sistemático da escravidão. O recorte temporal, é pensado no sentido dos movimentos abolicionistas e seus reflexos dentro da perspectiva dos senhores, para manutenção da escravidão. Refletindo sobre os últimos anos anteriores a Lei do Ventre Livre de 1871.

Uma das questões teóricas que embasam a pesquisa, são as noções de família escrava, abordada por Slenes

[...] a família cativa que emergia nos sítios e fazendas do Sudoeste não satisfazia nem aos senhores nem ao grupo subalterno. Da mesma forma como os cativos esbarravam a toda hora contra os limites e perigos criados pela prepotência de seus donos, os senhores, no interesse de garantir as condições mínimas de segurança para si e para a produção de seus empreendimentos, se viam forçados a abdicarem parcialmente de seu poder de dispor livremente dos escravos (SLENES, 2011; p 57).

O autor analisa a constituição das famílias escravas, como uma forma de garantir a extensão da mão-de-obra escravizada, ainda que o senhor tivesse que perder um pouco de poder, a família propunha outra perspectiva para a escravidão. Também na perspectiva do escravizado, o século XIX apresenta diversos mecanismos para manutenção da liberdade, a família sendo um destes mecanismos. A negociação, neste contexto, mantinha uma estabilidade nessas relações (REIS; SILVA, 1989)

Pensar as crianças escravizadas, pode ser feita dentro dessas reflexões de família, porém poucos estudos se debruçam na temática das crianças escravizadas. O trabalho de Manolo Florentino e Carlos Villa, *O abolicionismo inglês e o tráfico de crianças escravizadas para o Brasil, 1810-1850* nos traz a perspectiva das crianças africanas no comércio transatlântico, durante o contexto abolicionista inglês. Interligando as temáticas de família escrava e crianças escravizadas, um dos primeiros artigos a explorar está temática (FRAGOSO; FLORENTINO, 1987). A maioria dos trabalhos que se refere as crianças negras, pensam através da figura do ingênuo¹, como o trabalho de Arethuza Helena Zero, *Ingênuos, libertos, órfãos e a Lei do Ventre Livre de 2003*.

¹ (...) que a escravidão se fragmentava, os ingênuos foram incorporados a esse mecanismo. Percebe-se assim, que a questão da coerção sobre a mão de obra passa a ser preocupação constante dos fazendeiros a partir de 1871 (ZERO, 2013, p.2)

Também, *Ingênuos e órfãos pobres: a utilização do trabalho infantil no final da escravidão*. Maria Aparecida Papali de 2007.

Todavia, são poucos trabalhos que abordam centralmente as crianças escravizadas, com recorte temporal anterior à Lei do Ventre Livre. Uma das pesquisas mais importantes que fundamenta o presente trabalho, é a tese defendida em 2007 da autora Heloísa Maria Teixeira: *A não-infância: crianças como mão-de-obra em Mariana*. Tal trabalho reflete sobre as próprias noções de infância e pensa o trabalho e cotidiano destas crianças escravizadas e pobres na cidade de Mariana. A grande maioria dos trabalhos sobre crianças escravizadas, não contemplam o contexto da escravidão no Rio Grande do Sul, o trabalho de Paulo Moreira e Natália Garcia Pinto nos auxilia nesse sentido, *Sem Lar, viviam abrigados sob o teto da casa de seus senhores: experiências de vida e morte dos filhos do Ventre Livre*. Artigo publicado no livro *História das Crianças no Brasil Meridional* em 2016. Nos ajuda a refletir sobre as perspectivas de liberdade condicionais em Pelotas e Porto Alegre a que foram expostas as crianças negras, nas últimas décadas da escravidão no Brasil.

2. METODOLOGIA

Dentro da perspectiva da história social² o trabalho pensa a escravidão das crianças negras e africanas através da análise de duas fontes que nos possibilitam pensar nesses sujeitos históricos. A primeira proposta de fonte, seriam os inventários-post mortem³ de Pelota, os inventários são fontes bastante usadas na pesquisa historiografia. Como aborda Scherer (2008^a, p.32), os estudos de escravidão se debruçam sobre as fontes dos inventários post-mortem, pois além de dados quantitativos, também podemos relacionais as relações entre escravizados e senhores. Também é notório ressaltar que a presença de idade, origem, ofício e gênero dos escravizados são dados que ocorrem dentro destes inventários. Todavia, ainda temos que ressaltar que os inventários estabelecem dados sob uma análise inerte, Osório (2007, p.47) adverte que os inventários são fontes que permite fixar determinado momento da estrutura econômica de uma região, se tomarmos todo o seu conjunto para um ano ou década específicas, temos que nos atentar a estas mudanças e permanências, fazendo a análise crítica destas fontes.

Para tentarmos localizar as crianças escravizadas por idade, gênero, cor a análise destes inventários de 1850 até 1870 tem nos possibilitado resultados interessantes que serão abordados no capítulo 3. Outra fonte que pretendemos trabalhar seriam as cartas de liberdade, para o período compreendido. De acordo com Márcio Sônego, (2009, p.27) a carta de alforria era um documento jurídico que representava um dispositivo legal, configurando-se por ato entre vivos, ou seja, senhor e escravo, ou como última vontade do senhor, podendo ser concedida solememente ou não, direta ou indiretamente, expressamente, tacitamente ou de maneira presumida em ato particular ou na presença testemunhas comprovantes da alforria. Ainda assim, com suas limitações, pode representar noções acerca das manutenções de liberdade no contexto da escravidão de crianças negras e africanas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

² Thompson, 1998

³ Disponíveis <<http://www.apers.rs.gov.br/portal/index.php>> acesso 09/09/2018

O trabalho ainda está em desenvolvimento, porém algumas tabelas já revelam margens para reflexões.

.. Tabela relação adultos e crianças (1850-1870)

Escravos	1850-1855	1856-1860	1861-1865	1866-1870	TOTAL
Adultos	54	67	89	148	358
Crianças	30	30	51	79	190
Sem Inf.	108	37	88	38	271

Pela análise da tabela 1, podemos perceber que a porcentagem de crianças praticamente dobra de 1850 até 1870, em relação a quantia de adultos, temos 16% de crianças em 1850 e terminamos a contagem com 30%, ainda que esses números aumentem também na perspectiva dos adultos, as crianças crescem estatisticamente dentro destes dados.

Tabela media em valor das crianças escravas (1850-1870)

Media de valor	1850-1855	1856-1860	1861-1865	1866-1870
Total dividido por nº de crianças	270	309	583	448

Segundo a tabela 2 o preço das crianças também sobe, junto com a concentração destas mesmas crianças, além de aumentar de número, seu preço valoriza nas vésperas da Lei do Ventre Livre em 1871. Através da análise dos inventários também podemos perceber que a porcentagem de crianças de 0 a 8 (c.a) anos até 1860 é duas vezes maior do que as crianças de 9 a 14 (c.b), mas esse número sofre uma alteração forte na última década e quase regula ficando entre 55% (c.a) e 45% (c.b). A mesma variação ocorre em relação a divisão por gênero que varia entre as décadas.

Dentro das cartas de alforria, das crianças encontradas temos a grande maioria libertas com a qualidade paga por membros de suas famílias (mãe, pai, padrinhos) mas também encontramos cartas pagas por instituições, como a Loja Maçônica e algumas sem informação de quem buscou estas cartas de alforria.

4. CONCLUSÕES

Até então, a análise dos dados nos leva a refletir e propor que talvez nos últimos anos da escravidão, os senhores, em reflexo as medidas abolicionistas parlamentares como a Lei Eusébio de Queiroz de 1850, que proíbe o tráfico negreiro. Viram-se obrigados a negociar as relações de servidão e escravos, afim de evitar maiores conflitos, uma destas medidas poderia ser incentivar a constituição de famílias e isso explicaria o aumento de crianças e a valorização das mesmas, sem falar que o que as cartas de alforria apontam, seria exatamente a ligação destas crianças com suas famílias para manutenção de suas liberdades.

Outra fonte, que não consta no trabalho, mas está sendo abordada seriam os processos-crimes, para o recorte temporal, as crianças estão quase sempre ligadas, como vítimas de crimes de reescravização.

Talvez, estas crianças também se tornassem foco de um comércio ilegal tendo em vista a proibição do tráfico transatlântico. São inúmeras possibilidades de análises, dentro destas fontes.

Ressalta-se a importância de incentivar pesquisas nesse contexto, tendo em vista a realidade de violência contra a juventude negra no Brasil na

contemporaneidade, segundo os dados do IPEA de 2015 um jovem negro morre a cada 23 minutos no Brasil. As pesquisas que refletem sobre a história negra, no contexto de repensar a raça como fator estrutural de mundo e perceber as próprias constituições de infância e humanidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADOLFO, Roberto Manoel Andreoni. As transformações na historiografia da escravidão entre os anos de 1970 e 1980: uma reflexão teórica sobre possibilidades de abordagem do tema. **Revista de Teoria da História**. Ano 6, nº 11, maio/2014, Universidade Federal de Goiás.
- AL-ALAM, Caiuá Cardoso; PINTO, Natália Garcia; MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. **Duzentos mil reis pela cabeça do chefe preto Padeiro e cem mil réis pelas dos demais malfeiteiros**: Notas de pesquisa sobre o quilombo do Padeiro (Pelotas, 1835). Cadernos Lepaarq.vol. XI, nº 22, 2014.
- BARROS, José D'Assunção. História serial, história quantitativa e história demográfica: uma breve reflexão crítica. **Revista de C. Humanas**, Vol. 11, Nº 1, p. 163-172, jan./jun. 2011
- BERUTE, Gabriel Santos. **Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790 - c.1825. 2006**. 201f. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós – Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2006
- FRAGOSO, José; FLORENTINO, Manolo. **Marcelino, Filho de Inocência Crioula, neto de João Cambinda: Um estudo sobre Famílias Escravas em Paraíba do Sul (1835-1872)**. Estudos Econômicos. Mai/Ago. 1987
- FLORENTINO, Manolo; VILLA, Carlos. **Abolicionismo inglês e tráfico de crianças escravizadas para o Brasil, 1810-1850**. História (São Paulo) V.35, e78. São Paulo. 2016.
- OLIVEIRA, Rafael. A criança negra escravizada no Brasil: aproximações teóricas, tramas historiográficas. **Revista Outras Fronteiras**, Cuiabá, vol.1, n.2, jul-dez. 2014
- OSÓRIO, Helen. **Estancieiros que plantam, lavradores que criam e comerciantes que charqueiam: Rio Grande de São Pedro, 1760-1825**. In. Capítulos de História de Rio Grande do Sul. (org) GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos; NEUMANN, Eduardo Santos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- PAPALI, Maria. **Ingênuos e órfãos pobres: a utilização do trabalho infantil no final da escravidão**. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v.XXXIIII, n.1.p 149-159. 2007
- PESSI, Bruno Stelmach. **Entre o fim do tráfico e a abolição: a manutenção da escravidão em Pelotas, RS, na segunda metade do século XIX (1850-1884)**. 2012. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós Graduação em História Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e Conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SCHWARTZ, Stuart B. **Segredos Internos: engenhos e escravos na sociedade colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988
- SLENES, Robert. **Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava**. Campinas: Editora UNICAMP, 2011.

TEIXEIRA, Heloísa. **A não-infância crianças como mão-de-obra em Mariana (1850-1900)**. Tese Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. São Paulo. 2007

ZERO, Arethuza. **Ingênuos, libertos, órgãos e a Lei do Ventre Livre**. 2003